

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS – VESTIBULAR 2003 – 1ª ETAPA

O fragmento de texto a seguir (**Texto I**) foi adaptado da Introdução da obra de DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**; emoção, razão e o cérebro humano. Tradução Portuguesa: Dora Vicente e Georgina Segurado. SP: Companhia das Letras, 1998, pp. 11-13. Leia-o com atenção para responder às questões de 01 a 11.

Texto I

Ainda que não possa afirmar ao certo o que despertou o meu interesse pelos fundamentos neurais da razão¹, recordo-me claramente de quando me convenci de que a perspectiva tradicional sobre a natureza da racionalidade² não poderia estar correta. Fui advertido, desde muito cedo, de que decisões sensatas provêm de uma cabeça fria e de que emoções e razão se misturam tanto quanto a água e o azeite. Cresci habituado a aceitar que os mecanismos da razão existiam numa região separada da mente onde as emoções não estavam autorizadas a penetrar e, quando pensava no cérebro subjacente a essa mente, assumia a existência de sistemas neurológicos diferentes para a razão e para a emoção. Essa era, então, uma perspectiva largamente difundida acerca da relação entre razão e emoção, tanto em termos mentais como em termos neurológicos.

Tinha agora, porém, diante de mim, o ser inteligente mais frio e menos emotivo que se poderia imaginar e, apesar disso, o seu raciocínio prático encontrava-se tão prejudicado que produzia, nas andanças da vida cotidiana, erros sucessivos numa contínua violação do que o leitor e eu consideraríamos ser socialmente adequado e pessoalmente vantajoso. Ele tivera uma mente completamente saudável até ser afetado por uma doença neurológica que danificou um setor específico do seu cérebro, originando, de um dia para o outro, essa profunda deficiência na sua capacidade de decisão. Os instrumentos habitualmente considerados necessários e suficientes para um comportamento racional encontravam-se intatos. Ele possuía o conhecimento, a atenção e a memória indispensáveis para tal; a sua linguagem era impecável; conseguia executar cálculos; podia lidar com a lógica de um problema abstrato. Apenas um outro defeito se aliava à sua deficiência de decisão: uma pronunciada alteração da capacidade de sentir emoções. Razão embotada e sentimentos deficientes surgiam a par, como conseqüências de uma lesão cerebral específica, e essa correlação foi para mim bastante sugestiva de que a emoção era um componente integral da maquinaria da razão. Duas décadas de trabalho clínico e experimental com muitos doentes neurológicos permitiram-me repetir inúmeras vezes essa observação e transformar uma pista numa hipótese testável.

Comecei a escrever este livro com o intuito de propor que a razão pode não ser tão pura quanto a maioria de nós pensa que é ou desejaria que fosse, e que as emoções e os sentimentos podem não ser de todo uns intrusos no bastião da razão, podendo encontrar-se, pelo contrário, enredados nas suas teias, para o melhor e para

o pior. É provável que as estratégias da razão humana não se tenham desenvolvido, quer em termos evolutivos, quer em termos de cada indivíduo particular, sem a força orientadora dos mecanismos de regulação biológica, dos quais a emoção³ e o sentimento⁴ são expressões notáveis. Além disso, mesmo depois de as estratégias de raciocínio se estabelecerem durante os anos de maturação, a atualização efetiva das suas potencialidades depende provavelmente, em larga medida, de um exercício continuado da capacidade para sentir emoções.

Não se pretende negar com isso que as emoções e os sentimentos podem provocar distúrbios destrutivos nos processos de raciocínio em determinadas circunstâncias. O bom senso tradicional ensinou-nos que isso acontece na realidade, e investigações recentes sobre o processo normal de raciocínio têm igualmente colocado em evidência a influência potencialmente prejudicial das emoções. É, por isso, ainda mais surpreendente e inédito que a *ausência* de emoções não seja menos incapacitadora nem menos suscetível de comprometer a racionalidade que nos torna distintamente humanos e nos permite decidir em conformidade com um sentido de futuro pessoal, convenção social e princípio moral.

Tampouco se pretende afirmar que, quando têm uma ação positiva, as emoções tomam as decisões por nós ou que não somos seres racionais. Limito-me a sugerir que certos aspectos do processo da emoção e do sentimento são indispensáveis para a racionalidade. No que têm de melhor, os sentimentos encaminham-nos na direção correta, levam-nos para o lugar apropriado do espaço de tomada de decisão onde podemos tirar partido dos instrumentos da lógica. Somos confrontados com a incerteza quando temos de fazer um juízo moral, decidir o rumo de uma relação pessoal, escolher meios que impeçam a nossa pobreza na velhice ou planejar a vida que se nos apresenta pela frente. As emoções e os sentimentos, juntamente com a oculta maquinaria fisiológica que lhes está subjacente, auxiliam-nos na assustadora tarefa de fazer previsões relativamente a um futuro incerto e planejar as nossas ações de acordo com essas previsões.

NOTAS:

- (1) *razão*: denota a *capacidade de pensar e fazer inferências* de um modo ordenado e lógico.
- (2) *racionalidade*: refere-se à *qualidade do pensamento e do comportamento* que resulta da adaptação da razão a um contexto pessoal e social.
- (3) *emoção*: designa um conjunto de *mudanças* que ocorrem quer no *corpo* quer no *cérebro* e que normalmente é originado por um determinado conteúdo mental.
- (4) *sentimento*: denota a *percepção* das mudanças referidas em (3).

01. A partir da leitura do **primeiro parágrafo**, podemos afirmar que o autor:
- a) tinha certeza dos motivos que suscitaram o seu interesse pelos fundamentos neurais da razão.
 - b) havia feito uma investigação, com base na perspectiva tradicional, sobre a natureza da racionalidade.
 - c) estava convicto de que a capacidade de decisão humana era determinada, apenas, pela possibilidade de fazer inferências.
 - d) estava convencido de que a natureza da racionalidade, de acordo com a visão tradicional, poderia estar equivocada.
 - e) tinha dúvida a respeito da perspectiva moderna sobre a natureza do corpo e da mente.

02. Ainda no **primeiro parágrafo**, a declaração do autor

“Fui advertido, desde muito cedo, de que decisões sensatas provêm de uma cabeça fria e de que emoções e razão se misturam tanto quanto a água e o azeite.”

permite-nos depreender que:

- a) certos aspectos da emoção e do sentimento são indispensáveis para qualquer processo racional.
 - b) a razão parece depender de sistemas cerebrais completamente associados aos que processam a emoção.
 - c) sentimento, emoção e regulação biológica desempenham um papel relevante para a razão humana.
 - d) os sentimentos, juntamente com as emoções que os originam, servem de guias internos na tomada de decisões.
 - e) tradicionalmente, a capacidade de tomar decisões razoáveis depende da não-interferência de emoções.
03. António Damásio relata, no **segundo parágrafo**, o caso de um paciente, cujo cérebro fora afetado, num setor específico, por uma doença neurológica. De acordo com o autor:

“Apenas um outro defeito se aliava à sua deficiência de decisão: uma pronunciada alteração da capacidade de sentir emoções.”

Tal constatação:

- a) corrobora as idéias apresentadas no primeiro parágrafo – de que são desvinculados os sistemas neurológicos responsáveis pelo processamento da razão e da emoção.
- b) sugere a hipótese de que uma pessoa com problemas para sentir emoções poderá ter dificuldades para tomar decisões com base em seu conhecimento racional.
- c) encontra-se ancorada no fato de que a tomada de decisões bem como a capacidade de perceber emoções constituem atividades totalmente dissociáveis.
- d) significa que a ausência de emoções não compromete em nada a racionalidade “que nos torna distintamente humanos”.
- e) implica que não somos seres racionais quando as emoções, independentemente de serem positivas ou negativas, tomam as decisões por nós.

04. Considerando a leitura do **Texto I**, é possível entender que:

- a) a razão não é tão pura, e as emoções e os sentimentos são verdadeiros intrusos da fortaleza da razão.
- b) as estratégias de raciocínio dependem, minimamente, da capacidade de sentir emoções.
- c) os sentimentos e as emoções provocam constantes distúrbios destrutivos nos processos de raciocínio.
- d) as emoções, quando têm uma ação positiva, determinam nossas decisões e nossa irracionalidade.
- e) os processos de raciocínio, provavelmente, envolvem certos aspectos das emoções e dos sentimentos como elementos necessários à racionalidade.

05. Leia novamente:

“Tinha agora, **porém**, diante de mim, o ser inteligente mais frio e menos emotivo que se poderia imaginar ...” . (2º parágrafo)

O uso do conector “**porém**” denota que:

- a) o exemplo do paciente com o cérebro lesionado é uma **explicação** à “perspectiva largamente difundida acerca da relação entre razão e emoção” do parágrafo anterior.
- b) a experiência clínica relatada pelo autor é um **argumento** a favor do princípio de que “emoções e razão se misturam tanto quanto a água e o azeite”.
- c) o caso do doente neurológico representa uma **oposição** à “perspectiva tradicional sobre a natureza da racionalidade”, enunciada no primeiro parágrafo.
- d) o exemplo do paciente afetado por uma doença neurológica é um **contra-exemplo** à hipótese de que a emoção é “um componente integral da maquinaria da razão”.
- e) o caso clínico apresentado pelo autor é uma **conclusão** a respeito da idéia de que “decisões sensatas provêm de uma cabeça fria”.

06. O uso predominante dos **pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo**, no 1º e 2º parágrafos, e do **presente do indicativo**, no 3º, 4º e 5º parágrafos, constitui uma estratégia discursiva relevante para:

- a) determinar uma mudança da atitude comunicativa em relação ao caso do paciente com o cérebro lesionado.
- b) marcar intenções comunicativas idênticas – a de relatar e a de analisar a experiência vivida pelo autor, ao se deparar com um caso específico de doença neurológica.
- c) orientar o leitor, isto é, apresentar uma situação-problema importante para a discussão posterior da hipótese a ser testada.
- d) manter uma mesma atitude comunicativa em relação à concepção tradicional a respeito da natureza da racionalidade.
- e) orientar o leitor, isto é, descrever um fato e depois justificar a análise sobre a situação do doente neurológico.

07. Leia o trecho a seguir:

“Ainda que não possa afirmar ao certo o que despertou o meu interesse pelos fundamentos neurais da razão ...”. (1º parágrafo)

O conector grifado estabelece uma relação **semântica** de:

- a) concessão.
- b) condição.
- c) causa.
- d) dúvida.
- e) tempo.

08. Releia:

“Comecei a escrever este livro com o intuito de propor que a razão **pode** não ser tão pura quanto a maioria de nós pensa que é ou desejaria que fosse ...”. (3º parágrafo)

O verbo **poder** foi empregado com sentido semelhante em todas as opções, **EXCETO** em:

- a) “Ainda que não **possa** afirmar ao certo o que despertou o meu interesse pelos fundamentos neurais da razão ...”. (1º parágrafo)
- b) “Ele possuía o conhecimento, a atenção e a memória indispensáveis para tal; a sua linguagem era impecável; conseguia executar cálculos; **podia** lidar com a lógica de um problema abstrato.” (2º parágrafo)
- c) “... as emoções e os sentimentos **podem** não ser de todo uns intrusos no bastião da razão, podendo encontrar-se, pelo contrário, enredados nas suas teias, para o melhor e para o pior.” (3º parágrafo)
- d) “... as emoções e os sentimentos podem não ser de todo uns intrusos no bastião da razão, **podendo** encontrar-se, pelo contrário, enredados nas suas teias, para o melhor e para o pior.” (3º parágrafo)
- e) “Não se pretende negar com isso que as emoções e os sentimentos **podem** provocar distúrbios destrutivos nos processos de raciocínio em determinadas circunstâncias.” (4º parágrafo)

09. Observe:

“... essa profunda deficiência na sua **capacidade** de decisão ...”. (2º parágrafo)
“... a **ausência** de emoções não seja menos **incapacitadora** nem menos suscetível de comprometer a racionalidade ...”. (4º parágrafo)

Em relação aos termos destacados, **NÃO é correto** afirmar que:

- a) são formados pelo processo de derivação.
- b) “capacidade” se relaciona com “capaz”; “incapacitadora”, com “incapacitar”.
- c) pertencem a classes distintas de palavras.
- d) apresentam diferença de significado marcada, exclusivamente, pelo prefixo {in-}.
- e) assumem funções diferentes – a de nomear e a de determinar, respectivamente.

10. No trecho a seguir (5º parágrafo),

“As emoções e os sentimentos, juntamente com a oculta maquinaria fisiológica que **lhes** está subjacente, auxiliam-nos na assustadora tarefa de fazer previsões ...”,

o pronome “**lhes**” está relacionado a “**emoções**” e “**sentimentos**” por um processo de:

- a) concordância nominal em gênero.
- b) concordância verbal em número e pessoa.
- c) regência verbo-nominal.
- d) colocação pronominal.
- e) referenciação.

11. Leia novamente o trecho abaixo:

“As emoções e os sentimentos, juntamente com a oculta maquinaria fisiológica que **lhes** está subjacente, auxiliam-nos na assustadora tarefa de fazer previsões relativamente a um futuro incerto ...”. (5º parágrafo)

Suponha que sejam feitas as seguintes **alterações**:

“**A emoção**” em lugar de “**As emoções e os sentimentos**”;
“**as misteriosas operações fisiológicas**” em vez de “**a oculta maquinaria fisiológica**”;
“**tanto quanto**” em substituição a “**juntamente com**”.

Assinale a opção que corresponde à **nova** sentença:

- a) A emoção tanto quanto as misteriosas operações fisiológicas que lhe estão subjacentes auxiliam-nos na assustadora tarefa de fazer previsões relativamente a um futuro incerto.
- b) A emoção tanto quanto as misteriosas operações fisiológicas que lhes estão subjacentes auxiliam-nos na assustadora tarefa de fazer previsões relativamente a um futuro incerto.
- c) A emoção tanto quanto as misteriosas operações fisiológicas que lhes está subjacente auxilia-nos na assustadora tarefa de fazer previsões relativamente a um futuro incerto.
- d) A emoção tanto quanto as misteriosas operações fisiológicas que lhe está subjacente auxilia-nos na assustadora tarefa de fazer previsões relativamente a um futuro incerto.
- e) A emoção tanto quanto as misteriosas operações fisiológicas que lhe está subjacente auxiliam-nos na assustadora tarefa de fazer previsões relativamente a um futuro incerto.

O ensaio abaixo (**Texto II**), de Roberto Pompeu de Toledo, foi publicado na edição da revista **Veja**, de 07 de agosto de 2002. A partir de sua leitura, responda às questões de **12 a 16**.

Texto II

A ressurreição tem futuro?

Há coisas incompreensíveis no mundo. Que se está dizendo? Que banalidade é essa? Claro que há coisas incompreensíveis. Na verdade, a maior parte das coisas é incompreensível – a vida e a morte, a origem e o fim ... Não. Sossegue o leitor que não é dessas altas questões que se vai tratar aqui. É de caso mais pedestre, extraído da atualidade – o caso do jogador de beisebol americano Ted Williams, morto há poucas semanas, aos 83 anos, e cujo corpo foi congelado, à espera de que, descoberta a cura da doença que o matou, seja ressuscitado.

Ted Williams foi um dos gigantes do esporte americano, um Pelé do beisebol. Por isso, a decisão de congelar-lhe o corpo, tomada pelos filhos, chamou a atenção. Mas tal opção vem se tornando freqüente. No laboratório de congelamento a que ele foi encaminhado, outros 49 corpos estão na mesma situação. E mil pessoas, ainda vivas, estão inscritas para, quando morrerem, terem o mesmo destino.

Ressuscitar é antiga aspiração humana. A imortalidade é antiga aspiração. Surgiu no mesmo instante em que o primeiro humano tomou consciência de que ia morrer. Não é pela aspiração à ressurreição, ou à imortalidade, portanto, que o caso de Ted Williams é incompreensível. Tampouco o é pelos meios escolhidos. Não se congela comida com bons resultados? Não se congela sêmen? Não há certeza de que, com corpos, possa acontecer o mesmo, mas também não há certeza do contrário. Acresce que a medicina tem feito progressos notáveis. Quem pensaria, um século atrás, que se viesse a fazer transplante de órgãos? Se é assim, quem assegura que, daqui a algumas décadas ou a um século, a medicina não tenha progredido a ponto de ressuscitar os corpos e curá-los da doença que os vitimou? Até aqui, estamos diante de cenários razoáveis. O problema ...

O problema é quando se tem em conta o Ted Williams que será ressuscitado – digamos, daqui a 100 anos. Ele morreu com 83 anos. Os octogenários vivem bem hoje em dia. Muitos são felizes e continuam produtivos. Mas um corpo de 83 anos, convenhamos, é um corpo de 83 anos. Não é fácil recomendar a vida aos 83 anos, e “recomeçar a vida”, aqui, não é uma metáfora, como quando se perde a fortuna, ou a mulher, e fala-se em recomendar a vida, mas tem o significado muito literal de nascer outra vez.

Imagine-se Ted Williams renascido no ano de 2102. Temos o caso clássico, tão explorado nos filmes e romances, do personagem que desembarca num tempo que não é o seu. Todo um mundo novo se desvenda a seu redor. Novas tecnologias e novos costumes. Comida diferente, roupas diferentes, jeito diferente de falar. Além disso, Ted Williams não conhece ninguém. Onde estão a mulher, os filhos, os amigos? A menos que tenham sido todos congelados, e descongelados ao mesmo tempo – hipótese improvável, pois, por mais que venha crescendo, o congelamento ainda não é uma opção de massas –, ninguém estará lá. Williams se verá só, num mundo desconhecido, e num corpo de 83 anos. Existem certas coisas que esse corpo não faz. Por exemplo, jogar beisebol. Williams estará privado de dedicar-se ao que mais gosta. E de reiniciar uma carreira que o reconduziria à riqueza e à celebridade. O fim da história será melancólico. Nosso personagem opta por voltar ao congelamento. Ou talvez por algo melhor – morrer.

Uma alternativa seria renascer num corpo mais jovem. Os que morrem jovens e têm o corpo congelado estarão poupados de alguns dos incômodos sofridos por Williams. Mas e os que morrem velhos, poderiam eles ressuscitar em outro corpo, menos usado? Há gente que aposta nisso. São os que, no mesmo laboratório que congelou Williams, escolhem ter apenas a cabeça congelada. A suposição é a de que, à falta da “alma”, cuja existência ainda não foi detectada pelos dissecadores de cadáveres, o cérebro contenha aquilo que determina o “eu”, a identidade, a personalidade. Implantado o cérebro em outro corpo, a vida daquele que foi dono do cérebro conheceria um recomeço.

A dificuldade aqui é: como arranjar esse outro corpo? Se, daqui a 100 anos, estiver provado que o congelamento dá certo, está afastada a hipótese de que haja doadores de corpo. Todos vão querer conservar o seu. Também é difícil (por ora) supor que se consiga fabricar um corpo artificial, com todas as partes, menos o cérebro a ser implantado oportunamente. Mas digamos que seja possível, que de alguma forma haja corpos disponíveis para receber cérebros congelados. Assistiremos, então, a engates extraordinários. Por exemplo: o cérebro de um Jorge Luis Borges implantado num corpo de Xuxa. Teríamos, então, uma Xuxa capaz de dar continuidade a *O Aleph*. Mas será que é mesmo o cérebro que comanda o “eu”? Ou é o corpo? Se for o corpo, o que teríamos é um Jorge Luis Borges treinado para dançar com paquitas e comandar baixinhos. Pode um cérebro continuar o mesmo sem o corpo original? Ou o corpo impõe suas razões ao cérebro? Perdoe o leitor, tínhamos prometido não tocar nos grandes mistérios da vida e da morte, mas eis-nos afundados neles.

12. O **objetivo comunicativo principal** do autor é:

- a) convencer o leitor de que o congelamento e a ressurreição dos mortos é um procedimento impossível.
- b) discutir algumas questões suscitadas pela novidade de congelar e ressuscitar os mortos, em vez de enterrá-los.
- c) apresentar dúvidas sobre a decisão de a família congelar o corpo do jogador americano de beisebol.
- d) discutir e definir sua posição em relação aos grandes mistérios da vida e da morte, da origem e do fim.
- e) invalidar a hipótese de Ted Williams ser ressuscitado, quando for descoberta a cura para a doença que o matara.

13. No **primeiro parágrafo**, o autor usa o recurso de formular perguntas com o objetivo de:

- a) mostrar a banalidade do tema a ser discutido.
- b) assegurar a simpatia imediata do leitor para a compreensão do texto.
- c) expor dúvidas relacionadas ao assunto.
- d) despertar, no leitor, o interesse pelo tema a ser desenvolvido.
- e) explicitar o diálogo entre leitor e escritor sobre os mistérios da vida e da morte.

14. Considere a **relação de sentido** entre o **prefixo** e o **radical** da palavra destacada no quadro abaixo:

“Há coisas **incompreensíveis** no mundo.”

Assinale a opção em que a forma grifada **NÃO** mantém a **mesma** relação de sentido com o radical:

- a) “A **im**mortalidade é antiga aspiração.”
- b) “Na verdade, a maior parte das coisas é **in**compreensível ...”.
- c) “... hipótese **im**provável, pois, por mais que venha crescendo, o congelamento ...”.
- d) “Os que morrem jovens e têm o corpo congelado estarão poupados de alguns dos **in**cômodos sofridos por Williams.”
- e) “**Im**plantado o cérebro em outro corpo ...”.

15. Considerando a modalidade escrita formal, na estrutura em negrito a seguir, há um problema de **regência verbal**:

“Williams estará privado de dedicar-se **ao que mais gosta**.” (5º parágrafo)

A **nova** sentença que atende ao princípio de **regência verbal**, nessa modalidade, é:

- a) Williams estará privado de dedicar-se aquilo de que mais gosta.
- b) Williams estará privado de dedicar-se aquilo que mais gosta.
- c) Williams estará privado de dedicar-se àquilo de que mais gosta.
- d) Williams estará privado de se dedicar àquilo que mais gosta.
- e) Williams estará privado de se dedicar aquilo que mais gosta.

ATENÇÃO! A questão 16 formula-se a partir de comparações entre o Texto II e a NOTA EXPLICATIVA abaixo.

Leia, atentamente, a **Nota Explicativa**:

“**O erro de Descartes**”, título da obra de cuja Introdução foi adaptado o fragmento apresentado como Texto I, faz referência à seguinte afirmação do filósofo francês René Descartes : “Penso, logo existo”. Ao dizer isso, Descartes celebra a separação entre a mente¹ (o “eu pensante”) e o corpo (a “coisa não-pensante”), o qual tem extensão e partes mecânicas. Para Antônio Damásio, autor da obra referenciada, é este o erro do pensador francês: estabelecer um abismo entre *mente* e *corpo*. Assim, Damásio, numa visão inovadora, propõe: “Existo (e sinto); logo, penso”.

(1) De forma metafórica, *mente* e *cérebro* **estão relacionados** no sentido de a *mente* ser o *programa de software* que corre numa parte do *hardware* – o *cérebro* (a “máquina”).

16. Marque **falso (F)** ou **verdadeiro (V)** a respeito das afirmativas a seguir:

- () A suposição de que o cérebro contenha aquilo que determina a identidade, a personalidade (6º parágrafo – Texto II) vai ao encontro do pensamento de Descartes sobre a mente humana, citado na Nota Explicativa.
- () Uma resposta negativa à pergunta formulada por Roberto Pompeu no último parágrafo do Texto II – “Pode um cérebro continuar o mesmo sem o corpo original?” – vai de encontro às idéias de Damásio, para quem há um elo essencial entre o corpo e a mente.
- () Roberto Pompeu, ao fazer referência, no último parágrafo do Texto II, a um “engate extraordinário” (o cérebro de Jorge Luis Borges – respeitado escritor argentino - num corpo de Xuxa), cogita, com base na separação entre mente e corpo, a supremacia do “eu pensante”, que tornaria Xuxa uma intelectual.
- () Considerando, ainda, os “engates extraordinários” do último parágrafo do Texto II, a possibilidade de Borges “dançar com paquitas e comandar baixinhos” destaca a mecanicidade do corpo, reforçando-lhe a característica de “coisa não-pensante”.

Agora, selecione a alternativa apropriada:

- a) V – F – V – V
- b) F – V – F – V
- c) V – F – F – V
- d) V – V – F – F
- e) F – F – V – V

LITERATURAS

Leia com atenção o texto abaixo e responda às questões 17 e 18.

“Como eu quisesse falar também para disfarçar o meu estado, chamei algumas palavras cá de dentro, e elas acudiram de pronto, mas de atropelo, e encheram-me a boca sem poder sair nenhuma. O beijo de Capitu fechava-me os lábios. Uma exclamação, um simples artigo, por mais que investissem com força, não logravam romper de dentro. E todas as palavras recolheram-se ao coração, murmurando: ‘Eis aqui um que não fará grande carreira no mundo, por menos que as emoções o dominem’...”

(MACHADO DE ASSIS – *Dom Casmurro*)

17. Neste trecho, a atitude de Bentinho demonstra:

- a) domínio completo de suas emoções.
- b) perda de sua superioridade intelectual.
- c) procura de uma forma de expressão adequada.
- d) contradição entre as emoções e a racionalidade.
- e) certeza de não ser necessário dizer alguma coisa.

18. Neste mesmo trecho, assinale a afirmativa que **melhor** explica a causa da dificuldade de expressão de Bentinho:

- a) “...chamei algumas palavras cá de dentro...”
- b) “O beijo de Capitu fechava-me os lábios.”
- c) “...não logravam romper de dentro...”
- d) “...as palavras recolheram-se ao coração.”
- e) “...por menos que as emoções o dominem...”

19. Assinale a afirmativa **correta** sobre o romance *Agosto*, de Rubem Fonseca:

- a) A narrativa mistura história real e ficção, em um enredo policial.
- b) A narrativa, no livro, se passa em uma época histórica não definida.
- c) Os personagens da narrativa se movimentam em espaços fantásticos.
- d) O narrador, em primeira pessoa, está diretamente envolvido na trama.
- e) O enredo tem como núcleo central a religiosidade do comissário Mattos.

20. Leia, com atenção, a primeira estrofe do poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, transcrita abaixo:

“No meio das tabas de amenos verdes,
Cercadas de troncos – cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d’altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão. ”

Um dos elementos mais salientes do poema é o ritmo. Esta ênfase no ritmo expressa:

- a) a celebração da natureza da primeira geração romântica.
- b) a tensão mística existente nos versos da estrofe transcrita.
- c) a associação com o vigor marcial dos personagens indígenas.
- d) a percepção de uma vida nova surgida em terras brasileiras.
- e) a movimentação graciosa dos brasileiros ao dançar em grupo.

21. Leia, com atenção, a estrofe do Canto I de *Os Lusíadas*, transcrita abaixo:

“Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
! Que outro valor mais alto se alevanta. ”

Assinale a alternativa **incorreta**:

- a) Para o poeta épico renascentista, o grego e o troiano são modelos insuperáveis.
- b) Há um forte nacionalismo laudatório que se estende pelo poema como um todo.
- c) Para o poeta épico português, os portugueses são heróis de mar e guerra.
- d) O herói do poema de Camões é coletivo e não individual.
- e) Os Portugueses, como os povos antigos, mereceram ser objeto de poesia épica.

22. Sobre *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, é **correto** afirmar que:

- a) a linguagem econômica do narrador pode expressar a pobreza da vida nordestina.
- b) o romance é um exemplo de romance rural brasileiro.
- c) o tema é a busca bem sucedida de se superar a pobreza do sertão.
- d) a ausência dos nomes dos meninos mostra uma falha na concepção do romance.
- e) Seu Tomás da Bolandeira demonstra sentir inveja de Fabiano.

23. Leia, com atenção o fragmento abaixo:

“Tenho tanto sentimento
Que é freqüente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal. ”

(Fernando Pessoa – **Isto**)

A partir da leitura do fragmento, é **correto** afirmar que:

- a) o poema trata do predomínio do sentimento sobre a razão.
- b) o poeta experimenta o sentimento, mas o rejeita, optando pela razão.
- c) o poema trata do esforço do poeta para transformar o sentir em pensar.
- d) o poeta reflete sobre si e sobre sua experiência de sentir e pensar.
- e) o poema trata da angústia do poeta, dividido entre emoção e pensamento.

24. Leia, com atenção, o fragmento abaixo:

“.....
Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
Há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
.....
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
Tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta,
Pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave? ”

(Carlos Drummond de Andrade – **Procura da Poesia**)

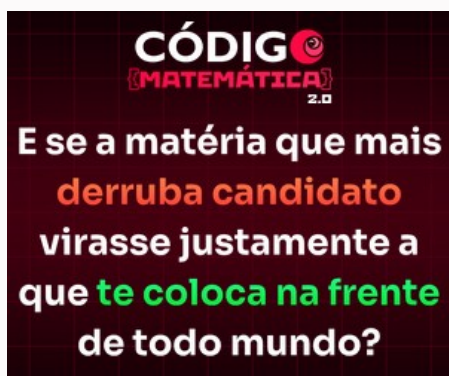
Escolha a afirmativa que **melhor** se relaciona com o texto de Drummond:

- a) O poeta se angustia e se desespera diante da dificuldade da poesia.
- b) A poesia é o resultado de um trabalho persistente com a linguagem.
- c) O poeta trabalha sempre com a razão e a transparência das palavras.
- d) A facilidade de expressão lírica é um tema freqüente em Drummond.
- e) O fazer poético associa-se ao místico e ao religioso.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

